

## **LEUENROTH, Edgard**

\*jornalista; mov. anarquista; mov. operário.

*Edgard Frederico Leuenroth* nasceu em Mojimirim (SP) em 31 de outubro de 1881, filho do médico-farmacêutico Valdemar Eugênio Leuenroth e de Amélia de Oliveira Brito. Entre os diversos pseudônimos que utilizou estão: *Demócrito*, *Frederico Brito*, *Palmiro Leão*, *Len* e *Leão Vermelho*.

Perdeu o pai aos cinco anos de idade, e pouco depois a família mudou-se para a cidade de São Paulo, instalando-se no bairro do Brás. Frequentou apenas alguns anos do ensino primário na Escola Modelo, situada na rua do Carmo, no bairro da Sé, pois aos dez anos teve que deixar os estudos para trabalhar no escritório de uma firma de corretagem como encarregado da limpeza e de recados. Pela primeira vez ouviu falar de socialismo através de Estevam Estrela, médico socialista baiano que frequentava o escritório. Depois de deixar os estudos, continuou sua educação como autodidata. Mais tarde trabalhou como caixeiro de uma pequena loja de tecidos localizada na avenida São João, no centro de São Paulo. Na mesma região passou a trabalhar, aos 14 anos, nas oficinas da Companhia Industrial, situada à rua 25 de Março, onde iniciou sua aprendizagem como tipógrafo.

Em 1896, tornou-se tirador de provas no jornal *O Comércio de São Paulo*. Ainda trabalhava nesse jornal quando, em setembro do ano seguinte, lançou seu primeiro periódico, o jornal *O Boi*, produzido em uma pequena tipografia que comprara. Depois dessa primeira experiência, lançou, em 1899, *A Folha do Brás*, que duraria até 1901. Nas páginas do jornal, fazia a denúncia da politicagem e da “falsidade do voto”. Para obter recursos, fundou com os irmãos Waldemar, Eugênio e João a agência de publicidade A Eclética. Porém trabalhou na agência como funcionário, não aceitando tornar-se sócio dos irmãos. A empresa passaria ao longo do tempo por fusões e incorporações que acarretaram mudanças na composição societária, deixando de ser uma empresa familiar. Todavia, alguns dos irmãos Leuenroth, como Eugênio e Edgard, continuaram ligados a ela. Entre as atividades desenvolvidas pela agência figuravam, entre outras, a distribuição do almanaque *Werneck*, a venda do *Diário Oficial*, a publicação de uma revista mensal distribuída gratuitamente nas estações ferroviárias e nos trens, e a criação do jornal dos jornais, serviço de distribuição de notícias para a imprensa.

Em 1900 começou a frequentar o círculo socialista 1º Maio, parte da Federação

do Estado de São Paulo do Partido Socialista Brasileiro, que integrou até 1904. Todavia, pouco depois abandonou o socialismo pelo anarco-comunismo, corrente que tinha como principais expoentes no plano internacional Kropotkin e Malatesta. Ainda em 1904 ingressou na União dos Trabalhadores Gráficos (UTG), colaborando na fundação e redação do jornal *O Trabalhador Gráfico*. Foi um dos fundadores da Federação Operária de São Paulo em 1905, e nesse mesmo ano mudou-se para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, passando a trabalhar como tipógrafo nos jornais *A Imprensa* e *Portugal Moderno*, publicados na então capital federal. Mesmo continuando a residir no Rio de Janeiro, fundou com o português Neno Vasco (pseudônimo de Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós Vasconcelos) o jornal libertário *Terra Livre*, publicado em São Paulo, inicialmente de 1905 a 1908, e depois em 1910, no qual eram tratados a situação da classe trabalhadora e seus problemas. Em 1906 casou-se com Aurora da Costa Reis, com quem teve quatro filhos.

Em abril de 1906, participou do 1º Congresso Operário Brasileiro, realizado no Centro Galego, no Rio de Janeiro, como representante da Federação Operária de São Paulo. Esse congresso consagrou a orientação sindicalista-revolucionária, inspirada na Confederação Geral do Trabalho francesa, que seria a política sindical defendida por anarquistas como Leuenroth, Neno Vasco e outros.

De retorno a São Paulo em 1908, publicou o jornal *Folha do Povo* que durou até o ano seguinte. Ainda em abril de 1908, participou, como representante de União dos Trabalhadores Gráficos, do 2º Congresso Operário de São Paulo, realizado na capital. Apresentou, na ocasião, moção vitoriosa que previa que o operariado se organizasse em sociedades de resistência econômica, deixando de fora a luta político-partidária e as doutrinas políticas e religiosas nos moldes daquilo que sustentava o sindicalismo revolucionário.

No final de 1909, associou-se a Benjamin Mota em *A Lanterna* (jornal anticlerical paulista fundado em 1901, cuja publicação havia sido interrompida em 1904), imprimindo ao jornal um caráter mais operário, além de inseri-lo na campanha internacional em favor do educador libertário catalão Francisco Ferrer, que havia sido condenado na Espanha, e na defesa da escola laica. Em 1911, teve início naquele jornal a coluna “Vida operária”, na qual eram tratadas as manifestações operárias e a organização sindical. Sob a direção de Leuenroth, o jornal perduraria até 1916.

Integrou, em 1910, a Associação Pró-Escola Moderna de São Paulo, que propunha um modelo de educação fundado nos preceitos de Francisco Ferrer. Os

esforços da associação foram recompensados com a abertura, em 1912, da Escola Moderna em São Paulo.

Em nome do jornal *A Lanterna*, Leuenroth participou do 2º Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em setembro de 1913, que aceitou como delegados representantes de jornais operários. Esse congresso reiterou e aprofundou a orientação sindicalista-revolucionária do 1º Congresso.

Em 1915 colaborou no jornal independente *O Combate* e em 1916 e 1917 escreveu no também independente *A Capital*, ambos de São Paulo. Em julho de 1917, durante o processo de mobilização que atingiu São Paulo e outras cidades, lançou *A Plebe*, que se tornaria o mais importante jornal anarquista brasileiro. Na greve geral de 1917, naquela cidade, foi um dos organizadores do Comitê de Defesa Proletária que elaborou a pauta comum de reivindicações dos grevistas. Com o final do movimento foi preso como “autor psíquico-intelectual” da greve. Passou por várias delegacias e depois foi encaminhado à Cadeia Pública, onde permaneceu seis meses preso até ser levado a julgamento, contando entre seus advogados com Evaristo de Moraes. Absolvido, deixou a prisão em março de 1918.

Em 1919, relançou *A Plebe*, que deixara de circular em 1918, dessa vez como jornal diário. Em março do mesmo ano, participou da fundação do Partido Comunista (libertário) no Rio de Janeiro e, no mês de junho, da fundação da mesma organização em São Paulo. A criação desse partido foi resultado do impacto e da admiração da Revolução Russa, mas também do desconhecimento entre os anarquistas brasileiros da natureza daquela revolução. Em coautoria com Hélio Negro, publicou, ainda em 1919, o folheto *O que é marxismo ou bolchevismo: programa comunista*.

Em abril de 1920, participou do 3º Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, e integrou a comissão coordenadora do congresso. Ao término da reunião foi eleito secretário-geral da comissão executiva do 3º Congresso, que deveria manter-se em atividade até o congresso seguinte, nunca realizado. Nessa função editou, em agosto de 1920, o *Boletim da comissão executiva do 3º Congresso Operário*, que, além de informações sobre o congresso, continha diversos artigos doutrinários contrários à organização de um partido operário e de apoio à Revolução Russa, já com críticas às suas doutrinas. Também nas páginas de *A Plebe* começaram a aparecer artigos com críticas à Revolução Russa. Todavia a tônica dominante ainda era de apoio à revolução, a despeito das reservas à política dos bolcheviques.

Em 1921, morando em Teresópolis (RJ), Leuenroth colaborou com Afonso

Schmidt, João da Costa Pimenta, Fábio Luz e outros na publicação do diário *A Vanguarda*, de São Paulo. De acordo com Afonso Schmidt, naquele ano Leuenroth (já de volta a São Paulo) teria sido convidado por um enviado da Internacional Comunista, que ficou conhecido como “o cometa de Manchester”, a fundar no Brasil o Partido Comunista segundo o modelo da Internacional Comunista, tendo, contudo, declinado e indicado o nome de Astrojildo Pereira para a tarefa.

Em março de 1922, às vésperas da fundação do Partido Comunista do Brasil, (PCB), ocorreu a ruptura definitiva com o modelo político surgido da Revolução Russa, quando Leuenroth, junto com outros oito anarquistas, lançou o manifesto-programa “Os anarquistas no momento presente – definindo atitudes” endereçado “aos anarquistas, aos simpatizantes do ideal libertário, ao proletariado”. No documento eram explicitadas as divergências com os rumos da Revolução Russa e com o modelo do Estado Soviético e era reafirmado o ideal anarco-comunista dos signatários.

Em fevereiro de 1923, devendo ausentar-se de São Paulo por problemas de saúde, Leuenroth deixou a direção de *A Plebe*, cuja publicação seria interrompida no ano seguinte para ser retomada por pouco tempo em 1927. Em 1925, integrou a comissão de redação de *O Sindicalista*, órgão da Federação Operária do Rio Grande do Sul. Colaborou nesse jornal com artigos assinados sob o pseudônimo de Demócrito, um dos que utilizava em *A Plebe*. Em 1926, participou do 1º Congresso Pan-Americano de Imprensa representando a agência de publicidade fundada por seus irmãos, A Eclética.

Foi preso, mais uma vez, em agosto de 1927 em São Paulo, com outros anarquistas, comunistas e militantes operários. Entre 1926 e 1928 foi redator do *Jornal do Jornais* e, mais uma vez, assumiu a redação da revista *Eclética*, ambas publicações da agência de publicidade.

Integrou a comissão organizadora do Congresso de Imprensa do Estado de São Paulo, a ser realizado em abril de 1933, sediada no escritório de A Eclética, à rua 3 de Dezembro, número 17. Desse congresso resultou a Associação Paulista de Imprensa, da qual seria um dos fundadores. Em julho do mesmo ano relançou *A Lanterna*, que desapareceria em virtude da repressão no final de 1935. Participou, ainda em 1933, da fundação do Centro de Cultura Social em São Paulo, iniciativa do movimento anarquista. No ano seguinte, foi diretor provisório do Sindicato dos Profissionais da Imprensa do Rio de Janeiro. Ainda como parte de sua militância pela organização dos profissionais da imprensa, fundou em 1939 a Federação Nacional da Imprensa.

Em novembro de 1939, comprou de Benjamin Mota o terreno de 7.500 m<sup>2</sup> no

bairro paulista do Itaim, que se transformou, com a construção de alojamentos, cozinha coletiva e salão com palco, a formação de pomar e a constituição de uma horta, em “Nossa Chácara”, local que serviria para a realização de congressos anarquistas, apresentações e confraternizações do movimento anarquista paulista.

Participou de diversos congressos anarquistas nos anos seguintes, como: o Congresso Anarquista de São Paulo em dezembro de 1949, o Congresso Anarquista Nacional, realizado no Rio de Janeiro em 1953, e a Conferência Libertária Nacional, realizada em São Paulo em 1959.

Faleceu em 28 de setembro de 1968 na cidade de São Paulo.

Durante a vida Leuenroth reuniu pacientemente farto material referente ao movimento operário, ao anarquismo e a outras correntes políticas no Brasil e em várias partes do mundo sob a forma de periódicos, livros, folhetos e panfletos. Essa coleção foi adquirida de sua família pela Universidade Estadual de Campinas em 1974, dando origem ao Arquivo Edgard Leuenroth – Centro de Pesquisa e Documentação Social daquela universidade.

Além da grande quantidade de artigos publicados nos diversos periódicos que fundou ou nos quais colaborou, Edgard Leuenroth publicou as seguintes obras: *Anarquismo, roteiro de libertação social; O que é o marxismo ou o bolchevismo* (1919, em colaboração com Hélio Negro,). Postumamente foi publicada *A organização dos jornalistas brasileiros, 1908-1951* (1987).

Cláudio H. M. Batalha

FONTES: Anarcopédia. Disponível em: <[http://por.anarchopedia.org/Edgard\\_Leuenroth](http://por.anarchopedia.org/Edgard_Leuenroth)>. Acesso em: 2/8/2009; DULLES, J. *Anarquistas*; JOMINI, R. *Educação*; *Jornal do Estado*, SP (13/4/1933); KHOURY, Y. *Edgard*; PINHEIRO, P.; HALL, M. *Classe*; PINHEIRO, P. *Estratégias*; REIS FILHO, D. *História* (v. 1); RODRIGUES, E. *Lembranças*; RODRIGUES, E. *Nacionalismo*; SILVA, R. *Idéias*.